

FALA ICH!

EDIÇÃO ESPECIAL - 10 ANOS DO PRÉDIO NOVO



FALA ICH!

EDIÇÃO ESPECIAL - 10 ANOS DO PRÉDIO NOVO

Nesta edição

Ex-diretor do ICH Eduardo Salomão Condé rememora o processo de expansão do Instituto

Ignacio Delgado: lembranças, conquistas e aprendizados da época da Direção

Sobre espaços, pessoas e tempo: Altemir Gonçalves Barbosa reflete sobre diferentes momentos do ICH

Trajetórias que se confundem: Brune Coelho Brandão fala sobre relação com o ICH, inclusão e respeito

"Quem é o ICH?": Robert Daibert Jr., atual diretor, nos convida à autorreflexão

E mais:

Entrevistas com ex e atuais servidores, peças fundamentais para o pleno funcionamento da nossa unidade acadêmica.

- Lourdes Gomes Leite
- José Batista da Silva
- Felipe Santos

EDITORIAL



Por **Silvia Regina Netto**
Secretária do ICH

O prédio novo do Instituto de Ciências Humanas (ICH) está completando dez anos de funcionamento. Nem é tão novo, mas ainda é reconhecido assim. Nesta edição especial do Fala ICH! falaremos do ICH, seu passado e suas novidades, sem deixar de fora suas mazelas.

Teremos notícia de que as paredes de cores pálidas têm vida e são coloridas pelas histórias de quem passou ou passa por lá. É uma das coisas que diz Brune Coelho Brandão, nossa convidada discente. Brune é prata da casa, ex-aluna da graduação e, atualmente, estudante da pós-graduação em psicologia. Mulher trans, ela vivifica diante dos nossos olhos a importância e necessidade do respeito à diversidade e pluralidade.

Veremos relatos uníssonos acerca das dificuldades e esforços empreendidos para que o prédio novo ficasse de pé e pudesse abrigar os novos tempos. Infundáveis problemas a comprometer o projeto. Por outro lado, a consonância quanto ao trabalho conjunto e obstinado. Felipe Santos, técnico administrativo, afirma que o clima era de união e pertencimento, que todos e todas sentiam que tinha que dar certo e que, por isso, deu.

Também vamos encontrar relatos sobre a abrangência do fazer na carreira docente. Ignacio Godinho, um dos ex-diretores do ICH, mostra em seu texto que, ao assumir funções administrativas o olhar se estende para outros domínios. Não que antes disso faltasse atenção ou sensibilidade aos diversos aspectos presentes no Instituto e que dizem respeito, direta ou indiretamente, à ordem social vigente e seus efeitos. O papel de gestor se apresenta, então, como um lugar para lutar o bom combate.

continua...



continuação

EDITORIAL

Compreenderemos com Eduardo Condé, também ex-diretor do Instituto, uma parcela do processo de construção e viabilização do “ICH novo”. Segundo ele, a Universidade vivia um momento difícil. A reitoria operava num método confuso e os critérios decisórios não exibiam bases organizacionais que possibilitassem alguma previsão no que tange às unidades acadêmicas. Assim, diante da perspectiva surgida a partir do Reuni, ele propõe ao Instituto que discuta a expansão, reservando ao próprio ICH o terreno para o debate.

Mãos à obra, o trabalho segue. Todos os segmentos contribuíram para que o prédio novo do ICH tomasse corpo e (por que não?) alma. De alma também foi a dedicação de muitos ao projeto e à mudança das antigas instalações para as novas.

José Batista, servidor do ICH há décadas, conhece bem os meandros das relações institucionais, mas também aqueles que dizem das relações pessoais. Em sua entrevista ele visita os tempos do prédio antigo, fala de seus aspectos afetivos, dos laços e dos apegos. Conta episódios pitorescos e ideias, no mínimo extravagantes, apresentadas por alguns daqueles que resistiam à mudança. Ele discorre com propriedade sobre o trabalho da empreiteira, os equívocos e descumprimentos do que estava previsto. Para além das questões funcionais, Batista não exclui a importância da participação social e da devolução à sociedade dos frutos produzidos no campus.

O prédio já funciona, novos e velhos desafios coexistem. Em 2014, como assinala Altemir Barbosa, outro dos nossos ex-diretores, o ICH - uma das maiores unidades acadêmicas da UFJF, de importância destacada tanto no ensino, quanto na pesquisa e extensão - permanecia marginalizado, talvez porque sua comunidade não se calasse ante aos malfeitos. Práticas duvidosas por parte da administração superior e escassez de recursos eram contrapostos pela “engenhosidade” dos TAEs e pelo corte nas despesas. Na escrita de Altemir encontraremos referências aos processos que norteiam o funcionamento de um ambiente, bem como a indicação de que a “cultura do ICH”, com suas benesses e vicissitudes, mudou junto com seus móveis e pessoas para o prédio novo.

Perceberemos que carreiras inteiras foram construídas no ICHL/ICH; muitos servidores tiveram ali sua única lotação. Lourdes Gomes Leite, TAE e secretária da Unidade por cerca de vinte anos é um caso desses. Testemunha viva da história do Instituto, ela assistiu à criação dos primeiros cursos noturnos, o desmembramento do ICHL e a mudança para o prédio novo. Assistiu e participou! Lourdes relembra, por exemplo, os processos manuais de trabalho e o funcionamento em horário integral. Destacando as agruras provenientes do déficit de recursos e o empenho dos gestores para superar as dificuldades ela reitera que o ideal seria que houvesse margem orçamentária para investimento em projetos diversos.



continuação

EDITORIAL

Nosso atual diretor, Robert Daibert Jr., apresenta um texto reflexivo, no qual a pergunta sobre quem somos recai sobre o modo como nos constituímos e os papéis que cumprimos. Delicadamente, mas não sem a necessária seriedade, apresenta a conformação étnico-racial dos segmentos que compõem o Instituto e sua relação com a colonização e a cultura dominadora à qual estivemos/estamos historicamente submetidos. Aborda também a distribuição por gênero de TAEs, docentes e discentes e interroga sobre a ocupação dos cargos administrativos e de gestão. Então, problematizando questões estruturais Robert nos conduz ao (re)conhecimento de como nos nomeamos enquanto comunidade acadêmica.

Embora se trate de uma edição comemorativa, a leitura do Fala ICH! nos leva à análise do que temos feito enquanto comunidade acadêmica. O pensamento sobre os desafios já superados impulsiona (ou deveria) no caminho que leva ao aprendizado e à disposição para as novas batalhas. Os processos são dinâmicos e os embaraços persistem. Problemas novos nos colocam à prova.

Diariamente circulamos por entre os espaços e objetos do Instituto. Atualmente, a circulação é virtual, a Pandemia nos afasta, mas a lida continua diária para a maioria de nós. Haveremos, então, de nos atentar para a constituição dos grupos e de como nos relacionamos internamente e também com o mundo lá fora. Reflexões sobre os lugares de onde viemos e para onde pretendemos ir. Considerar e colocar sobre a mesa as diferenças, desvelar os preconceitos e operar sobre suas formas de reprodução é o que podemos estabelecer como critério.

Cotas minimizam injustiças? Sim! Resolvem? Estamos formando, ou criando meios para formar, professores para o ensino básico? Temos cursos de licenciatura! Os alunos de nossos alunos terão acesso à educação superior gratuita e de qualidade? Nossas alunas conseguirão avançar no preenchimento de cargos de gestão? Vivemos o ano da Pandemia; o Ensino Remoto Emergencial (necessário) foi amplamente discutido? Suas consequências a médio e longo prazo avaliadas?

Poderia fazer um número inimaginável de perguntas, mas provavelmente, a resposta para todas seria incerta. Vou me limitar, então, a convidá-las(os) à leitura e ao debate. Que estejamos dispostos a olhar e nos vermos, a lutar o bom combate e, também, a nos aliar (uns aos outros) na construção de espaços de fala e trabalho comum. Promover ensino, pesquisa, extensão e senso crítico pode ser um encaminhamento possível para o futuro do ICH.

Boa leitura!



Por Robert Daibert Jr.
Diretor do ICH na gestão 2018-2022

O ICH NO ESPELHO

Narciso, encantado pela contemplação da própria beleza no espelho das águas de um lago, morreu tragicamente ao contemplar seu rosto. Desde a antiguidade, recontamos incessantemente este mito, denunciando as consequências da incapacidade humana de conhecer e encontrar a beleza na alteridade. Não por acaso, durante séculos, graças a uma série de tabus e interdições, a observação integral do corpo esteve praticamente restrita aos círculos aristocráticos, enquanto aos povos colonizados e às classes populares só era possível uma pálida imagem de si só, por meio do olhar do outro.

O fato é que, ao longo da História, o exercício de olhar-se no espelho sempre esteve cercado de crenças. Nas barbearias, além de eles serem dedicados exclusivamente aos homens, refletiam apenas metade do corpo. Às mulheres, as interdições eram piores: às de classe social mais privilegiada era permitido adquirir, no máximo, pequenos espelhos ovais, capazes de refletir minimamente alguns detalhes do rosto; às que tinham grandes espelhos, era-lhes proibido, pelo maridos e pelos códigos de conduta, admirar e conhecer integralmente o próprio corpo; as solteiras eram obrigadas a aspergir um pó colorante na água, impedindo que vissem a própria nudez. Os espelhos também já foram associados a certas crenças, como a capacidade de provocar azar: dependendo da idade em que a criança se via no espelho pela primeira vez, seu crescimento paralisava; após a morte de algum parente, deveriam permanecer encobertos até sete dias, evitando uma onda de azar na família. Enfim, toda essa história de crenças e interdições remete à pergunta formulada pela antropóloga francesa Véronique Nahoum: como viver em um corpo que não se viu em seus menores detalhes?

Partindo dessas breves considerações, tendo Narciso e os espelhos como motivação, este texto pretende, a partir da indagação da antropóloga, refletir sobre a nossa unidade acadêmica: o ICH. Como temos vivido sem nos conhecer? O que enxergamos quando finalmente podemos olhar nosso corpo inteiro? Quais sentimentos, pensamentos e ações podem ser despertados por meio desse exercício de olhar para nós mesmos? Quem somos nós – o ICH?

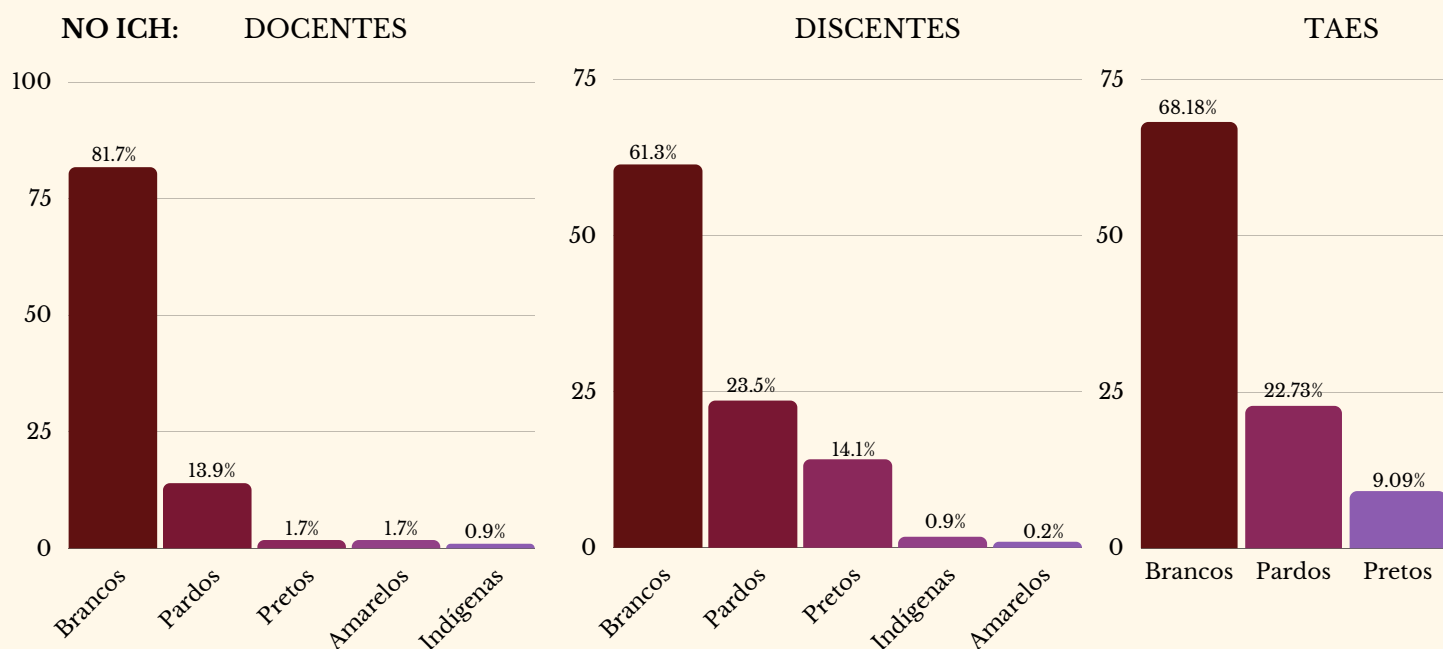
Neste curto espaço, não será possível, obviamente, responder a todas essas indagações com a devida profundidade, motivo pelo qual buscarei, num pequeno exercício de reflexão, lançar mão de parte dos dados coletados este ano, em um questionário diagnóstico aplicado aos três segmentos que compõem o instituto: discentes, docentes e técnicos administrativos em educação (TAEs).

Antes de encararmos nosso espelho, é necessário fazer um registro. Este texto só foi possível graças ao trabalho dedicado de uma Comissão de Diagnóstico, nomeada pelo Conselho de Unidade do ICH, no primeiro semestre de 2020, a qual contou com a colaboração de professores (Fabio Sanches, João Dulci, Marcelo Ferreira Trezza Knop), TAEs (Felipe José Alves



Santos, Karoline Machado, Marco Aurélio Almeida Jr, Cibele Matias Neves) e estudantes (Davis Delanus Freire, Milena Regina). Um dos principais objetivos da pesquisa consistiu em compreender a situação vivida pelos três segmentos durante a pandemia provocada pelo Coronavírus, a fim de verificar suas condições para uma eventual participação na modalidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Aproveito, mais uma vez, para agradecer publicamente a esse grupo pelo excelente trabalho realizado, cujos resultados permitem hoje a realização desse pequeno exercício do olhar e, quem sabe, de muitas outras reflexões futuras.

Entre tantas possibilidades de análise, eu gostaria de destacar os resultados obtidos nas categorias cor e identidade de gênero. Ao compararmos esses dois itens entre os três segmentos (discentes, docentes e técnicos), encontramos um significativo painel. Nossa comunidade é formada majoritariamente por pessoas que se declaram brancas. Entre os docentes, esse índice de declaração é o mais alto de todos: brancos (81,7%); pardos (13,9%); pretos (1,7%); amarelos (1,7%); indígenas (0,9%). Já entre os discentes (61,3% brancos, 23,5% pardos, 14,1% pretos, 0,9% amarelos, 0,2% indígenas) e os TAEs (68,18% brancos, 22,73% pardos, 9,09% pretos) os índices de declaração são diferentes.



Para problematizar esse quadro, precisamos contrastá-lo com os índices de declaração de cor da população brasileira. De acordo com dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), feita em 2019, 42,7% dos brasileiros se consideram brancos, 46,8% pardos, 9,4% pretos, enquanto apenas 1,1% se apresentam como indígenas ou amarelos. Considerando-se esses índices, é significativo o alto número de docentes brancos no Instituto de Ciências Humanas da UFJF (81,7%). Por outro lado, o número de discentes pretos (14,1%) está acima da média nacional (9,4%) e destoa consideravelmente do índice de docentes que se declaram pretos (1,7%).

Certamente, embora estejamos longe de uma situação de igualdade racial de oportunidades em nossa unidade acadêmica, esse quadro de discentes que se declaram pretos é o resultado positivo visível da política de cotas raciais de ingresso nas universidades públicas nos últimos anos, assim como do aumento da autodeclaração. Por outro lado, precisamos olhar com estranhamento o fato de que, hoje, no ICH, o número de docentes brancos (81,7%) seja quase o dobro da média da população branca brasileira (42,7%).



Todos nós sabemos bem os motivos que permitiram a formação desse quadro. Vivemos em um país racista, marcado por um processo violento e desigual de escravidão africana, que passou mais de três séculos, desencadeando, posteriormente, à população negra um cotidiano de exclusão e desigualdade de oportunidades, de acesso à educação básica de qualidade, à saúde, à alimentação, à segurança e aos bens culturais. Tudo isso se reflete no mercado de trabalho e, no nosso caso, cria enormes barreiras de acesso e permanência à graduação, à pós-graduação, aos concursos para o funcionalismo público e à carreira docente.

De modo complementar, no diagnóstico, aqueles que se declaram homens cisgênero entre os docentes ocupam também a posição majoritária (60% contra 39,1% de mulheres e 0,9% na categoria outro). Entre os TAEs, esse quadro praticamente se repete: enquanto 59,09% se declaram homens cisgênero, 40,91% se identificam como mulheres cisgênero. Já entre discentes, a proporção entre homens e mulheres se inverte: há uma maioria declarada de mulheres cisgênero, 58,2%, contra 39,5% de homens cisgênero. Houve ainda o registro de 0,2% de homens transgêneros, 0,3% de mulheres transgênero, 0,8% de não binários, 0,1% de intersexuais e 1% na categoria outro.

Em outras palavras, temos uma maioria de servidores públicos formada por homens brancos cisgênero, entre professores e TAEs, atendendo profissionalmente a um público discente formado predominantemente por mulheres também brancas. Eis nossa principal imagem: assim como ocorre na sociedade brasileira, descobrimos, em nosso espelho local, a imagem de homens brancos cisgênero que ocupam, majoritariamente, posições de comando, decisão e planejamento. No cenário nacional, esse segmento desfrutou muitas vezes de condições privilegiadas de acesso à educação (desde o ensino fundamental até a pós-


graduação), além de cultura, saúde e lazer. Por tudo isso, tornou-se maioria em nossa sociedade, situação que se reproduz até de modo ampliado em nosso Instituto, conforme apontam os dados da pesquisa.

Será coincidência que as chefias de departamento sejam, na maioria das vezes, exercidas por homens, enquanto as coordenações de curso são, predominantemente, ocupadas pelas mulheres? Hoje, por exemplo, temos 5 professores e 2 professoras ocupando as chefias de departamento. Por outro lado, temos 6 professoras e 3 professores nas coordenações de curso de graduação. Por fim, das 6 coordenações de Programas de Pós-Graduação do ICH, apenas duas são ocupadas por mulheres. Por que, ao longo de décadas, apenas duas mulheres – Prof.^a Maria Vitória Arantes e Prof.^a Terezinha Maria Scher Pereira – ocuparam o cargo de direção do Instituto, mesmo assim, ainda na época em que éramos ICHL, respectivamente nos períodos de 1986 a 1990 e de 1998 a 2002? Ou seja, desde o primeiro diretor (1969) até hoje, são 51 anos dos quais em apenas 8 tivemos mulheres como diretoras. Se considerarmos apenas a história do ICH, como instituto independente que nasce em 2005, infelizmente até agora não tivemos nenhuma diretora.

Também não ignoramos o que subjaz a esse quadro de predominância masculina em diversos segmentos e setores do nosso Instituto: uma história de estruturação do machismo em nossas sociedades, ao longo dos séculos, pelo qual as mulheres foram subalternizadas, internalizando crenças e atitudes de submissão e obediência aos homens. Interpretadas como “sexo frágil”, vocacionadas exclusivamente para a maternidade e tarefas domésticas, aprisionadas no espaço privado, elas foram impedidas de ocupar diversas profissões e posições de destaque.



Quando encaramos nosso espelho hoje, inevitavelmente percebemos a permanência de heranças e impactos negativos dessa história. Essa predominância, ainda hoje, de cargos de chefia ocupados por homens seria fruto de uma concepção de maternidade e de um tipo de divisão de tarefas domésticas nos lares?

 (...) Desde o primeiro diretor (1969) até hoje, são 51 anos dos quais em apenas 8 tivemos mulheres como diretoras. Se considerarmos apenas a história do ICH, como instituto independente que nasce em 2005, infelizmente até agora não tivemos nenhuma diretora.

Conforme atestam os números, negros, indígenas e transgêneros, apesar de presentes em nossos discursos, aulas, textos, pesquisas e teses, são numericamente inferiores em nossas estatísticas, sendo, em alguns casos, quase invisíveis. Já as mulheres são maioria apenas entre discentes. Por um lado, a quase invisibilidade de indígenas, não-binários e pessoas transgêneros em nosso espelho é gritante, merecendo ser tratada e aprofundada em outros textos, discussões, mobilizações e atitudes. Por outro, sua presença embora tímida é um sinal positivo dos recentes avanços e vitórias iniciais dos movimentos de valorização desses grupos, que certamente avançarão nos próximos anos de modo a modificar esse quadro. Vale ainda esclarecer que, na produção do diagnóstico, as entrevistadas e os entrevistados não foram interrogados sobre suas orientações sexuais.

Após esse percurso, podemos, então, perguntar-nos: quais os significados dessa imagem de “corpo inteiro” refletida em nosso espelho? Tudo isso remete à nossa colonização, às marcas e heranças de um encontro violento e devastador. Embora as estatísticas sejam controversas, estima-se que, ao longo dos séculos, conviveram em nosso território quatro

milhões de europeus em contato com quase cinco milhões de africanos e, pelo menos, três milhões de indígenas. Por meio de pesquisas recentes, dedicadas a sequenciar o genoma da população brasileira, cientistas da USP descobriram uma assimetria entre a transmissão do DNA paterno e materno em nossa formação: 75% dos cromossomos Ys encontrados na atual população brasileira apresentam ancestralidade europeia, em contraste com 1% de ancestralidade indígena; já em relação à nossa herança materna, os genomas indicam cerca de 34% de ancestralidade africana e 36% indígena.

Em outras palavras, somos majoritariamente filhos de pais europeus que exploraram mães africanas e indígenas, silenciando, minimizando e/ou eliminando potencialmente nossos pais indígenas e africanos, assim como nossas mães europeias. A hegemonia do patriarcado branco foi, portanto, construída à custa da eliminação física de concorrentes, no caso, homens de outras cores, bem como da dominação também violenta de mulheres não europeias. Dessa forma, desde o século XVI, os filhos da dor nascidos desse estupro colonizador recebiam em seus batismos nomes portugueses. E era assim que se olhavam, ao menos parcialmente, no seu espelho.

O colonizador – desde as revoluções liberais que marcaram o início da consolidação das sociedades capitalistas, entre fins do século XVIII e o século XIX – transformou a liberdade individual, o mercado e a propriedade privada em valores ditos universais. Os europeus atribuíram para si a tarefa de guardar e proteger esses valores, além de conduzir “selvagens, atrasados, primitivos e inferiores” à civilização e ao progresso. Assim, dos mesmos ideais que deram origem a princípios fundamentais, como igualdade perante a lei, universalidade da razão e direitos humanos, surgiram também os fundamentos ideológicos da escravidão moderna e do colonialismo. Nessa longa história, o Estado



e suas instituições, muitas vezes em nome desses mesmos valores, contribuíram para a perpetuação das desigualdades, do sexismo e do racismo, sem coragem para se encararem no espelho e assumirem suas contradições.

Na tentativa de, ao menos, problematizar essa situação estrutural e contribuir para sua transformação, o Conselho de Unidade do ICH aprovou recentemente a identificação de nossos espaços físicos com placas que fazem homenagens a pensadoras e pensadores das Ciências Humanas, Letras e Artes, além de militantes de causas sociais e outras figuras de destaque em cada uma de nossas subáreas do conhecimento. Cada um desses espaços (salas de aula, anfiteatros, biblioteca e salas de reunião) recebeu uma placa, espécie de “nome de batismo”, conforme indicação dos departamentos.

De acordo com João do Rio, na crônica “A Alma Encantadora das Ruas”, os logradouros têm sentimentos, segredos, mistérios, razões, vícios, ideias e alma. De modo semelhante, eu diria que nossos espaços físicos hoje também têm tudo isso e mais um pouco. No ICH, nossas salas têm “alma” no sentido de *anima*, do latim “o que anima”. Nossas salas têm nomes que nos animam, nos despertam, nos fazem pensar e pulsar em nossas reflexões objetivas e também em nossas subjetividades e encantamentos. Nossa Biblioteca, por exemplo, recebeu o nome de Carolina Maria de Jesus, uma escritora afro-brasileira catadora de papéis e que escrevia suas memórias nos cadernos velhos que encontrava nas latas de lixo. Nossas salas de aula receberam nas portas placas com o nome de Marielle Franco, Galdino Jesus dos Santos (índio pataxó), Milton Santos, Lélia Gonzalez, Mãe Stella de Oxóssi, Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Marcella Maria Althaus-Reid, Gilles Deleuze, Sigmund Freud, Rubem Alves, entre tantas outras referências e reflexos.

O perfil do corpo discente, esboçado no diagnóstico do Instituto, e também os avanços recentes dos diversos movimentos em torno das diversidades têm pressionado positivamente o nosso corpo docente e técnico a mudar a imagem do ICH no espelho. Assim, nossos corredores estão hoje marcados por essas novas “almas-imagens” que nos inspiram a construir um mundo mais diverso e plural. Que todas essas pessoas que hoje ocupam nossos espaços (fisicamente como discentes ou simbolicamente em nossas placas) possam nos assombrar e contribuir cada vez mais para diversificação de nossa autoimagem. Assim, ao olharmos no espelho, em um futuro breve, conseguiremos ver, quem sabe, não mais exclusivamente aquele velho e desgastado retrato de homens brancos colonizadores, em uma mirada narcísica, mas sim corpos decolonizados, pretos, amarelos, coloridos, portadores de outros saberes e crenças, masculinos e femininos ao seu modo e, sobretudo, indecentes e livres. Não seria a política de cotas para os concursos públicos uma forma possível de mudar nossa autocontemplação nesse espelho? Morte ao Narciso! ●

Lembranças da Direção do ICH (2002-2006)

*Excertos do Memorial para promoção a Professor Titular
da Carreira do Magistério Superior (2015)*

Apresentação: *Sílvia Regina Netto*



Por Ignacio José Godinho Delgado
Diretor do ICH na gestão 2002-2006

Ignacio José Godinho Delgado é professor aposentado do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Seu percurso na Instituição é marcado, além da docência, pelo exercício de várias funções administrativas.

Atuar no âmbito da gestão permite a promoção de ações que, direta ou indiretamente, impactam a vida de todos que compõem a comunidade acadêmica e, muitas vezes, pode extrapolar os muros institucionais. Então Ignacio, por ser o Diretor à época do desmembramento do Instituto de Ciências Humanas e Letras em ICH e Faculdade de Letras (FALE) e, portanto, o primeiro Diretor do ICH, tal como conhecemos hoje, vem nos contar um pouco de suas memórias.

Após concluir o doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais, assumiu no ano 2000 a Coordenação do Curso de Graduação em História. Para além das funções de coordenação ele abraçou outras frentes. “Participei dos debates no Departamento de História sobre a reforma do currículo do curso de graduação e me envolvi ativamente na montagem do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF, o ponto de chegada de um caminho traçado desde o início da década de 1990, quando foi criado o Núcleo de História Regional, de curta e prolífica existência.” O papel de coordenador, por si mesmo, abria diversas outras frentes de trabalho e Ignacio conta: “Passei, então, a ter assento no Conselho de Graduação (CONGRAD), que indicava representantes para o Conselho Superior da UFJF (CONSU), para o qual fui designado pela segunda vez.”

Em 2002 estavam previstas eleições para a direção do ICHL. O então coordenador nos diz que vinha de uma experiência interdisciplinar extremamente rica no doutorado e que imaginou poder fazer alguma coisa relevante na unidade acadêmica em que fora estudante de graduação, entre 1977 a 1980, e professor desde 1982. “Convidei o professor Zwinglio Mota Dias, do Departamento de Ciência da Religião, para compormos uma chapa, denominada Comunidade Acadêmica, estimulados por muitos companheiros. Não poderia ser mais ajustado: um historiador e cientista político marxista com disposições interdisciplinares e um teólogo presbiteriano de vocação e prática ecumênica. Disputamos as eleições no sistema do voto paritário e vencemos. Tornei-me, assim, no início de 2003, diretor do ICHL.”

Nos atentemos, a partir daqui, às informações e reflexões escritas pelo próprio Ignacio em seu Memorial Acadêmico, conforme excertos transcritos nas próximas páginas.

Na proposta de trabalho apresentada ao ICHL era assinalado que:

"Projetava-se trabalhar para o alcance de "um patamar de excelência do qual não possamos ser demovidos", tendo em vista aprofundar a inserção regional, estreitar laços com outras universidades, acentuar o espaço de interlocução interdisciplinar, criar comitês assessores para auxiliar a direção, reforçar a pós-graduação, estimular publicações, modernizar a infraestrutura, incentivar a participação dos segmentos universitários na definição de um projeto pedagógico para o instituto e debater a criação de um doutorado em Ciências Humanas. Eram tempos de recursos escassos e, na verdade, um diretor de unidade, especialmente nos institutos, dispunha - e ainda dispõe - de pouco espaço para o exercício efetivo das atividades de gestão, pois não lida com um orçamento autônomo, nem tampouco conta com uma estrutura burocrático-administrativa que vá além de atividades convencionais de secretaria. Ademais, o horizonte acadêmico dos cursos depende muito menos das unidades em que estão integrados e mais de seu corpo docente e das redes que estabelecem. Isso torna o papel de um diretor, principalmente, o de facilitador, articulador político e agregador."

Projetava-se trabalhar para o alcance de "um patamar de excelência do qual não possamos ser demovidos", tendo em vista aprofundar a inserção regional, estreitar laços com outras universidades, acentuar o espaço de interlocução interdisciplinar, criar comitês assessores para auxiliar a direção, reforçar a pós-graduação, estimular publicações, modernizar a infraestrutura, incentivar a participação dos segmentos universitários na definição de um projeto pedagógico para o instituto e debater a criação de um doutorado em Ciências Humanas. Eram tempos de recursos escassos e, na verdade, um diretor de unidade, especialmente nos institutos, dispunha – e ainda dispõe – de pouco espaço para o exercício efetivo das atividades de gestão, pois não lida com um orçamento autônomo, nem tampouco conta com uma estrutura burocrático-administrativa que vá além de atividades convencionais de secretaria. Ademais, o horizonte acadêmico dos cursos depende muito menos das unidades em que estão integrados e mais de seu corpo docente e das redes que estabelecem. Isso torna o papel de um diretor, principalmente, o de facilitador, articulador político e agregador.

Neste sentido, cumprimos, Zwinglio e eu, acredito, com alguma desenvoltura nosso papel. Entre 2003 e 2006, foram criados os programas de pós-graduação em História e Ciências Sociais, que se somaram aos de Letras e Ciência da Religião. Atendendo a uma antiga aspiração do Curso de Letras, e certa racionalidade na organização institucional dos campos do conhecimento no ambiente universitário, foi orquestrado seu desmembramento do ICHL e a criação da Faculdade de Letras (FALE), concluída em 2006, ano a partir do qual o instituto passou a denominar-se Instituto de Ciências Humanas (ICH), não mais ICHL. Em direção contrária, acolhemos no instituto, o curso de Turismo, um projeto especial da Pró-reitoria de Graduação que já funcionava no espaço do ICHL. Cogitava, contudo, em conversas com o professor José Humberto, então diretor da antiga Faculdade de Economia e Administração, abrigá-lo nessa unidade, o que me parecia mais consentâneo com o conteúdo do curso de Turismo, mas tais cogitações se esfumaram com a reação adversa de estudantes e da coordenação de curso.


Durante nosso mandato, Zwinglio e eu constituímos fóruns consultivos regulares com estudantes e servidores, a partir dos quais eram definidas as ações de apoio estudantil e qualificação dos TAEs. A partir de negociações com a Reitoria, os recursos advindos do projeto Infra-Estrutura de Pesquisa



para a Pós-graduação na UFJF – enviado à FINEP em abril de 2002, envolvendo também a Faculdade de Educação – foram todos direcionados à criação do Centro de Pesquisas em Humanidades, sediado na antiga sede do ICH/ICHL, com a presença de um moderno equipamento de registro audiovisual, para atendimento a áreas como a linguística, a psicologia cognitiva, a história oral, a sociologia e a geografia, hoje utilizado basicamente pela Faculdade de Letras. Diversas ações para o diálogo interdisciplinar foram desenvolvidas, como a reativação da Semana do ICHL, a promoção dos Colóquios Interdisciplinares e das Quartas Culturais, a criação de um curso de especialização em Estado e Sociedade no Brasil, insuficientes, contudo, para gerar a vontade coletiva necessária à criação do doutorado em Ciências Humanas, que cogitávamos com alguns colegas. Para favorecer a articulação entre a UFJF e as redes de pública de ensino, municipal e estadual, o ICHL (em acordo com a Faculdade de Educação e do Colégio de Aplicação João XXIII) promoveu, ainda, entre 2003 e 2005, três edições do Simpósio de Formação de Professores, nos quais professores da UFJF conduziam cursos e seminários oferecidos aos professores do ensino básico.

O principal conflito vivido na direção, internamente ao instituto, envolvendo principalmente os estudantes, decorreu da transferência do acervo da biblioteca setorial para a Biblioteca Central, com apoio do Conselho de Unidade, dada a ausência de espaço para abrigar todas as atividades pedagógicas exigidas no funcionamento cotidiano do ICHL, além da escassez de pessoal especializado para trabalhar nas diversas bibliotecas setoriais da UFJF. Em 2004 já prevíamos a transferência da biblioteca em meio a um projeto mais amplo de reorganização do espaço do instituto. Ademais, o ICHL, ao contrário do que ocorre atualmente com o ICH, estava situado num espaço próximo à Biblioteca Central e não existia qualquer sinalização de elevação significativa dos recursos federais para as universidades, como ocorreria posteriormente com o REUNI. Assim, a medida foi definida mirando o aproveitamento racional das condições existentes, além de amparar-se na expectativa de criar espaços mais efetivos de integração entre as diversas áreas da universidade.

Como diretor, participava do Conselho Superior da Universidade. Um dos temas mais destacados neste período foi a questão das formas de ingresso, com o debate sobre as cotas para estudantes de escolas públicas e negros. Fui designado, em maio de 2004, coordenador da comissão criada para propor um relatório sobre a questão, que contou com participação efetiva das professoras Valéria Trevizani e Luciana Pacheco Marques; do acadêmico André Luiz da Silva Fonseca; do funcionário Rogério da Silva; do Assessor de Assuntos Institucionais da UFJF, Dr. Rodrigo Esteves e da representante da 18ª Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais, professora Maria Luiza Almeida Pires. Representantes dos sindicatos dos estabelecimentos particulares de ensino e dos professores, bem como da União Juizforana de Estudantes Secundaristas (UJES), foram convidados, mas não se envolveram.

 *No que se refere, especificamente ao argumento que adverte para a possível acentuação do racismo com a adoção do sistema de cotas, o Relatório, em certa medida, distinguia-se de outras formulações que fundamentavam a adoção de políticas de ação afirmativa no Brasil, por não se indispor com a noção de democracia racial (...).*

A Comissão mergulhou no estudo do tema, considerando a literatura internacional e brasileira, promoveu debates nas unidades da UFJF e convidou representantes de posições conflitantes para se pronunciarem. Ao final de julho de 2004 apresentou seu Relatório, com um voto contrário, da professora Luciana Pacheco Marques. A partir desse relatório – publicado e debatido em sessões abertas do Conselho Superior da UFJF, que se estenderam até novembro –, foi definida a resolução que instituiu o sistema de cotas na UFJF.



O Relatório salienta que se vale da noção de raça levando em conta a construção social de identidades, sem referir-se a distinções de natureza biológica. No que se refere, especificamente ao argumento que adverte para a possível acentuação do racismo com a adoção do sistema de cotas, o Relatório, em certa medida, distinguia-se de outras formulações que fundamentavam a adoção de políticas de ação afirmativa no Brasil, por não se indispor com a noção de democracia racial, tomando-a, entretanto, como horizonte normativo que o sistema de cotas poderia contribuir para alcançar. Desta forma, assinalava:

A presença de uma modalidade de discriminação racial cega em relação à origem, mas ativa na percepção da cor, não assegura igualdade de oportunidades ou ausência de segmentação no espaço social brasileiro. Na realidade, tal segmentação tem se ampliado nas últimas décadas, alcançando inclusive territórios do lúdico que pareciam resistir como bastiões da convivência isonômica entre ricos e pobres, brancos e negros. No âmbito específico do ensino, as universidades permanecem espaços restritos de brancos, ao passo que as escolas públicas do ensino básico, com a retirada da classe média a partir dos anos 1970, têm se tornando espaços quase exclusivos de negros e pobres. A introdução do sistema de cotas nas universidades públicas, ao ampliar a presença de negros no ensino superior brasileiro e, eventualmente, induzir a migração da classe média para as escolas públicas do ensino básico, pode favorecer a diluição das fronteiras presentes no espaço social do País. Por seu turno, a afirmação da identidade negra, inclusive com a adoção do sistema de cotas, reitera a perspectiva antropofágica do modernismo brasileiro e reforça os marcos do horizonte normativo da democracia racial, do Brasil mestiço, resultante não do domínio de uma raça sobre a outra, mas do encontro de pessoas iguais de raças diferentes. (Comissão sobre a adoção do sistema de cotas na UFJF, 2004: 25)

O tema das ações afirmativas é extremamente controverso e não pode ser abordado com estigmatizações que impeçam uma evolução positiva do debate. Pesquisar, debater e redigir a maior parte do Relatório, contudo, serviu para organizar minha percepção sobre o tema. **Ao escrever o Relatório senti-me, mais que em outro momento qualquer de minha vida, operando de forma prática para melhorar a vida das pessoas. Por isso, não posso deixar de registrar a enorme emoção com que recebi, da Câmara Municipal de Juiz de Fora, em 2006, a Medalha Nelson Silva, “que distingue pessoas físicas e jurídicas que se notabilizaram na produção e difusão das manifestações artístico-culturais e sociais da raça negra, de acordo com a Resolução n° 1.120 de 10 de novembro de 1999”.**

Em 2006 encerrei meu mandato como diretor e fui candidato a reitor da UFJF, em uma chapa que incluía o Professor José Olindo, ex-diretor da Faculdade de Medicina, denominada Tecendo o Amanhã. Nossa chapa foi impulsionada por uma vigorosa e intensa mobilização de todos os segmentos da comunidade universitária da UFJF, sendo majoritária entre estudantes e professores nos dois turnos do processo de votação. Tal resultado, contudo, não assegurou a vitória, uma vez que, dada a paridade entre os segmentos definida nas regras da consulta conduzida pelas associações representativas desses segmentos, ela não compensava a votação obtida entre os funcionários.

Registro, com orgulho, contudo, que no ICH e na Faculdade de Letras, obtivemos apoio expressivo nos três segmentos universitários, o que soou, para mim, como um reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na direção do antigo ICHL e nos primeiros meses da vida do ICH. ●

Os escritos de Ignacio nos mostram que ser um servidor (TAE ou docente) e gestor do Instituto de Ciências Humanas implica coordenar esforços na busca da afirmação institucional da Universidade e da excelência acadêmica, mas, também, dispor-se ao bom combate. No caso da atuação de Ignacio no debate e deliberação sobre o sistema de cotas na UFJF, se vê um dirigente empenhado em achar saídas para a reparação de equívocos históricos, como o racismo, promovendo ações que viabilizem sua correção, ainda que nem tudo se dê (sempre) no curto prazo.

Aos 10 anos:

Sobre tempos turbulentos e a esperança de novos caminhos



Por Eduardo Antônio Salomão Condé¹
Diretor do ICH nas gestões 2006-2010 e 2010-2014

Foi no tempo do REUNI.

Proposto em Decreto Presidencial (DP) de 2007,² o Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI) visava, desde que as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) voluntariamente aderissem, a ampliação de vagas no ensino superior público, a elevação das taxas de conclusão e a melhoria na relação professor/aluno. As IFES seriam contempladas com autorizações para a contratação de pessoal docente e técnico e investimentos em infraestrutura, como equipamentos e prédios. O Decreto incentivava as IFES a atuarem na reestruturação de seus cursos, visando a revisão da estrutura acadêmica e a diversificação nas modalidades de graduação.

Há um texto de Mendes Fradique (José Madeira de Freitas)³ que foi escrito no início do século XX. Trata-se de uma leitura satírica do Brasil com charges, crônicas e observações ferinas, criando um mosaico despropositado de momentos históricos, personagens em convivência fora do seu tempo e o uso do cômico como crítica política. O “Método confuso” de Fradique é como denomino a gestão controversa da UFJF entre 2006 e 2014: os personagens da gestão pareciam estar em posições erradas, misturando passado e presente, sem qualquer planejamento alocativo de recursos e o gestor principal parecia ser quase o único que conhecia o plano de voo. Produziu-se a ruptura entre o topo, que atuava como captador de recursos (como emendas parlamentares) e a vida institucional e acadêmica. Cada gestor de pró-reitoria movia-se em uma estrada própria, e eventualmente se encontravam nem sempre em harmonia. A impressão da baixa articulação entre as Pró-reitorias era grave: não havia orientação na pós, que se desintegrava da pesquisa; a extensão foi pouco efetiva, desarticulada e assistemática. Obras obedeciam aos critérios do gestor ou pela via de acordos locais com unidades. O orçamento da UFJF não era debatido no Conselho Superior (CONSU), muito menos havia um critério que discriminasse com previsibilidade recursos para as unidades acadêmicas. Os recursos de capital permaneciam centralizados, sem orientação institucional para obras e equipamentos. Não houve a preocupação em organizar institucionalmente a política de pessoal, centrada em elementos particularistas e sob demanda. Este cenário – que auxiliaria na renúncia posterior de um Reitor em 2015,⁴ representou, para utilizar o argumento de Edson Nunes, o reforço de duas políticas: a clientela e o corporativismo.

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais, Pró-reitor de Planejamento, Orçamento e Finanças da UFJF desde 2016, Diretor do ICH de 2006 a 2014.

² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm. Acesso em 21 de nov. 2020.

³ FRADIQUE, Mendes. **A História do Brasil pelo Método Confuso**. São Paulo, Cia das Letras, 2004.

⁴ NUNES, Edson. **A Gramática Política do Brasil**. 3a ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

Não é preciso recordar que o método confuso tem suas vantagens políticas, ainda que não institucionais: ele reforça a imagem de um centro decisor e “simplifica” o *decision-making*. Favorece ainda a construção de uma imagem distorcida de democracia: o centro dedica-se a buscar recursos e cada parte organiza-se como preferir, mas sob a práxis do mesmo método confuso nas relações institucionais. Ou seja, descentralização com baixa capacidade de poder e anarquia decisória.

Fui eleito diretor em 2006, o primeiro do ICH (que havia se separado, em 2005, das Letras), e herdeiro da tradição do antigo ICHL. Fui reeleito em 2010, sendo as duas gestões sucedâneas ao mandato do Reitor de então da UFJF. Me mantive em posição crítica à Reitoria por todo o mandato. Na conjuntura nacional, em 2007 o governo Lula havia superado a crise da ação penal 470 e a economia se expandia. O MEC recebeu um volume de recursos apreciável e assim nasceu o REUNI. A Reitoria, que patinava em busca de investimentos, o desejou como possibilidade.

Por sua própria interpretação sobre “democracia”, a macrogestão descentralizou a adesão ao REUNI para a construção de projetos locais e sem qualquer coordenação. Como gestor do ICH, e ciente do *modus operandi*, propus ao Instituto discutir a expansão, mas construída em nossa arena e segundo o peso que representávamos, seja político seja em relação ao quanto poderíamos expandir. Esta era a regra e também uma janela de oportunidade. Nunca julguei precedente não participar.

Foi um tempo de tensão, produzindo campos opostos inclusive entre aliados políticos. A narrativa da resistência apresentou padrões nos movimentos sindical e estudantil (em parte) por quatro argumentos. Primeiro: (1)

o discurso foi sobre autoritarismo: “como assim um decreto?”. Argumento fraco: o DP era aberto em todos os sentidos: adesão, planos individuais de reestruturação, respeito às diferenças e metas claras. Em segundo lugar, (2) haveria um gargalo: o atendimento dos planos estava condicionado à capacidade orçamentária e operacional do MEC. Afinal, como garantir os recursos? Ou seja, a oferta de mais professores, técnicos e recursos financeiros não aconteceria. Havia sim um risco, que seria uma trava na economia e nos recursos para a educação. Para reduzi-lo e calculá-lo, e para maior proteção, o ICH decidiu somente abrir vagas com os projetos em andamento. A terceira crítica (3) era sobre as metas e ataques à autonomia: a liberação de recursos viria posteriormente ao cumprimento de cada etapa. Entretanto, a própria universidade as estabeleceria e metas são corriqueiras em políticas públicas. Como a adesão era voluntária, não havia violação da autonomia universitária. E então, o *gran finale*: (4) o fantasma do “sucateamento”, a revisão da estrutura acadêmica, como se as federais fossem criar cursos de baixa qualidade. Entre os diretores da época, que buscavam projetos para novos cursos, eu não vislumbrava qualquer interesse nesse sentido.

Esta história tem vários desdobramentos, mas aqui não é o seu lugar. A adesão do ICH foi realizada após cinco reuniões do Conselho de Unidade, duas reuniões públicas, várias reuniões em todos os departamentos, mais de um debate local e em outros pontos da Universidade. Eu, até hoje e onde posso, defendo o programa. E por dois motivos principais: o primeiro era que sempre propusemos, em um campo tendente à esquerda, o aumento de vagas nas IFES. Esta possibilidade ali estava e agora deveríamos recusar esta oportunidade? O segundo é acadêmico: acreditava, como ainda acredito, que a estrutura dos cursos obedece a princípios

arraigados, em formatos disciplinares rígidos e de baixa capacidade de inovação; que alunos ingressam na universidade aos 17/18 anos e tantos com pouco conhecimento sobre o que os espera e com especialização precoce. Trata-se da defesa e da relevância em ampliar o capital intelectual e uma base de conhecimento que os prepare para uma formação profissional posterior. Esta era a proposta de reestruturação, esta foi a proposta dos Bacharelados Interdisciplinares (BI's).

Eu, até hoje e onde posso, defendo o programa [REUNI]. E por dois motivos principais: o primeiro era que sempre propusemos, em um campo tendente à esquerda, o aumento de vagas nas IFES. Esta possibilidade ali estava e agora deveríamos recusar esta oportunidade?

A UFJF aprovou seu plano em 19 de outubro de 2007, infelizmente sob a sombra de uma imagem da ditadura: a Reitoria cercada por policiais, fruto da incapacidade do poder central, e sua visão distorcida de gestão, para negociar uma aprovação que tinha maioria folgada no CONSU.

Iniciou-se então a implementação. Previsivelmente, o ICH não teve unanimidade na adesão. A ampliação de vagas foi feita em todos os cursos, a adesão ao BI não seria de todos e decidimos pela mudança de local, outra discussão de caminho longo. Constituímos uma comissão para a expansão física. Uma segunda comissão tratou da expansão em termos acadêmicos, ou seja, a criação do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Uma história de convergência entre alguns e divergência entre outros, que este texto não permite detalhar. Aqui quero apenas deixar minha paixão, meu entusiasmo e minha defesa do BACH. Redigi a primeira versão do

projeto e tenho orgulho da ideia e dos esforços daqueles que se dedicaram a ele. Se pudesse, gostaria de ser o professor permanente da disciplina “As Humanidades como Campo de Conhecimento”. Me orgulho por ter participado, como Diretor, da criação de um curso para tantos alunos, muitos que foram os primeiros em suas famílias a se graduarem, os que dispunham de menos possibilidades de acesso ao mundo da cultura acadêmica e do conhecimento nas Humanidades. O BI como preparação para decisões mais maduras na escolha profissional, ou uma oportunidade para cursar pós stricto sensu – o que já aconteceu. Prestar concurso seria outra possibilidade, ou ampliar seu espaço em uma carreira onde o discente já estivesse. Pode tornar alguém mais preparado para enfrentar o mundo que lhe nega oportunidades. Foi uma proposta generosa e que não merece ser descartada.

Para garantir a expansão era preciso uma instalação física renovada, que o antigo prédio do ICH não comportava. O projeto não foi perfeito, mas obteve aprovação da Congregação e uma comissão de acompanhamento. Discutimos dos andares à cor da pintura. Foi desenhado um plano de necessidades para dar espaço aos departamentos, coordenações, núcleos de pesquisa, laboratórios, salas individuais para os professores, salas de reunião coletivas, área administrativa, salas de aula amplas ou para grupos menores e centro de vivência. Foi concebida uma área de eventos com três anfiteatros e, posteriormente, uma nova biblioteca (construída após o REUNI).

Acompanhei esta obra, ao lado dos servidores técnico-administrativos, como um fiscal diuturno. Cada laje, cada caminho, cada sala, foi acompanhada de expectativa porque era preciso contemplar a adesão de quem apostou no projeto. **O primeiro prédio foi entregue no**

fim de 2010, uma operação de guerra para que a primeira turma do BACH pudesse ocupá-lo. Do asfaltamento na véspera do início das aulas às verificações de última hora, tudo era um misto de expectativa e temor. Os alunos precisavam sentir-se acolhidos, o que não era fácil devido ao canteiro de obras em si. Tive que negociar com o engenheiro responsável uma organização de turno que prejudicasse o mínimo as aulas. As salas precisavam estar equipadas, com projetores e computadores, e um infocentro foi aberto. E as obras continuavam. Primeiro constituímos uma secretaria local no novo prédio, para acompanhar o dia a dia e preparar as mudanças. O primeiro departamento a se mudar foi o de Ciência da Religião, ainda em 2010. Seguiram-no Ciências Sociais e Filosofia, Turismo e Psicologia, e, finalmente, Geografia e História. Em 2012 todos estavam nos prédios. Concluídos.

À medida que a obra avançava também surgiram desafios. Enfrentamos vazamentos nas claraboias de vidro do quarto andar e escoamento de água em corredores. O primeiro prédio, onde está hoje a secretaria, foi o mais atingido por problemas. Também foi necessário gerar o contrato de manutenção para os elevadores, como em todo prédio que os possui. No anfiteatro o sistema de ar-condicionado precisou ser reprojetoado, porque o projeto original previu um sistema central muito mais dispendioso. As passarelas que interligavam os prédios eram desprovidas de proteção e a solução encontrada foi pelo vidro. Isto passou a gerar choques de pássaros nas mesmas, o que também foi motivo, com razão, de pressão. O cotidiano de luta, acompanhando a fiscal da obra, debatendo com o engenheiro, pressionando a administração central por soluções, verificando com os técnicos as compras de móveis e equipamentos, prestando contas ao Conselho Departamental, mantendo toda a gestão de dois prédios por um tempo e depois todas as questões associadas à Direção no dia a dia (políticas e gerenciais) indicam a dimensão da tarefa.

Houve as críticas. Por barulho, porque o instituto fez mudança gradual, porque deveria manter o outro prédio, reclamações sobre deslocamento, alguns inconformados com a saída do antigo prédio, que a culpa era do REUNI, que as salas dos professores eram apertadas, contra o BACH ou ainda porque as pessoas estariam mal instaladas. Era um padrão, não me assustaram ou ofenderam. Compreendi todas as resistências. Mas era preciso seguir.

Houve quem estivesse ali todos os dias, em sintonia com a expansão. Contamos com o entusiasmo dos técnico-administrativos (simbolicamente, cito que Batista ou Lourdes poderiam contar muitas histórias), de alguns chefes de departamento muito presentes e alguns professores que estiveram sempre acompanhando a obra. Eu sempre desejei que fossem mais, mas não se pode tudo. O Vice-Diretor, professor Luiz Alberto Martins (Geografia), que sempre esteve na mesma luta, e depois o professor Altemir Gonçalves Barbosa (Psicologia), que o substituiu. Menciono, respeitosamente, a então Pró-reitoria de Infraestrutura, como não poderia deixar de ser, e o então Pró-reitor de Graduação, Eduardo Magrone, a quem recorri muitas vezes.

Estamos nos 10 anos de um novo espaço. Como “prêmio” pela posição crítica do Diretor do Instituto, o ICH foi um dos dois prédios que nunca foram inaugurados pelo Reitor do “método confuso” (e sequer possui qualquer placa de registro). Naqueles idos de 2007 a 2010 havia esperança e temor. Hoje precisamos de esperança e capacidade para defender as Humanidades de seus adversários.

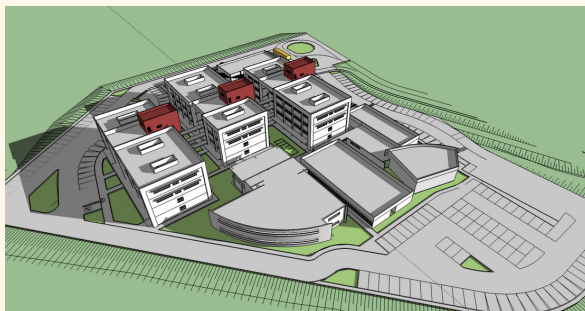
Naquela época, quando fomos todos chamados a decidir sobre um “novo ICH”, decidimos. E realizamos. ●

A história do prédio novo em **imagens**

Fotos arquivo pessoal:
Eduardo Salomão Condé



1ª proposta de projeto recusada



Projeto final aprovado



01 de outubro de 2019



09 de novembro de 2009



03 de dezembro de 2009



15 de dezembro de 2009



08 de fevereiro de 2010



14 de setembro de 2010



02 de agosto de 2011



Espaço físico, pessoas, cultura institucional e tempo

Uma breve reflexão sobre os dez anos do prédio novo do Instituto de Ciências Humanas



Por **Altemir José Gonçalves Barbosa**
Diretor do ICH na gestão 2014-2018

Para compreender efetivamente um ambiente, há que se considerar três dimensões interrelacionadas: a física, a interpessoal e a sociocultural. Ademais, o funcionamento de qualquer ambiente é regido por processos bioecológicos. Portanto, dentre outras características, apresenta relação de interdependência e intercambia com outros sistemas, subsistemas e elementos, bem como é temporalmente situado (cronossistema).

Com base nos pressupostos apresentados no parágrafo anterior, ainda que o convite para redigir sobre os “dez anos do prédio novo” do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) incida na dimensão física deste ambiente, é preciso ressaltar que, além de mobiliário e equipamentos, a mudança para as novas instalações também “levou” a “cultura do ICH”, suas virtudes e seus vícios, e seu principal ativo: docentes, discentes e Técnico-Administrativos em Educação (TAEs). Todavia, ao longo dessa década, o “prédio” transformou e foi transformado por essas pessoas. As relações que estabeleceram entre si e com ele são produto e produtoras desse espaço físico. A cultura do Instituto mudou e está sendo mudada pela edificação.

Ademais, há que se “olhar tanto para árvore” – ICH – quanto para “a floresta” para compreender os desafios e as oportunidades que a mudança para o prédio novo gerou. Devido às limitações na dimensão do texto, restringir-se-á ao “bosque” da UFJF e à dimensão física da mudança de ambiente. Por este mesmo motivo, também será feito um recorte no cronossistema – 2014 a 2018 –, ainda que menções a anos anteriores e posteriores sejam feitas. Do ponto de vista temporal, três momentos serão considerados: pária (2014-2015); turbulência (2015); e novo horizonte (2015-2018).

Ao longo de 2014, o Instituto, a despeito de seu protagonismo no ensino, na pesquisa e na extensão, bem como na administração, era mantido à margem pelo grupo que ocupava a reitoria desde 2006. Era tratado como pária pelo reitorado. Esse tratamento era, em parte, decorrente do papel crítico, questionador que a Unidade (direções, coordenações, chefias etc.) exercia em diferentes órgãos universitários, especialmente no Conselho Superior. A falta de transparência, o compadrio, o “toma lá, dá cá”, os conluios e outras práticas não republicanas e, até mesmo, ilegais eram incansavelmente descortinadas pela comunidade do ICH.


Já no início de 2014, o novo prédio do Instituto apresentava problemas próprios de uma obra malconduzida e mal fiscalizada pela administração central. Também sofria com a falta de manutenção. Os equipamentos (projetores, elevadores, etc.) denunciavam que o tempo estava



passando e que a conservação era precária a despeito dos esforços da equipe técnico-administrativa da Unidade. Requisições e mais requisições para manutenção eram feitas e ignoradas pela Pró-Reitoria de Infraestrutura. Adquirir equipamentos e mobiliário para substituir os que apresentavam problemas não era possível. Modernizar equipamentos e espaços? Impensável. Apesar de a Unidade ser uma das maiores da UFJF e o momento ser de bonança, a matriz orçamentária do Instituto era insuficiente até mesmo para a manutenção básica de elevadores e lâmpadas. Recorrer à solução possível naquele momento, isto é, a “política de balcão” da reitoria? Impossível! A cultura republicana do ICH seria violentada.

Nesse contexto, o contentamento e, até mesmo, a euforia por parte de alguns com o prédio novo declinavam acentuadamente. Os problemas estruturais da obra, como as infiltrações no anfiteatro principal, as goteiras do quarto andar e a umidade no fosso dos elevadores, e os decorrentes do desgaste de equipamentos e instalações afetavam negativamente o ânimo de docentes, discentes e TAEs.

Ainda que o grupo que assumiu a reitoria em meados de 2014 fosse uma extensão daquele que aviltava a instituição desde 2006, havia esperança de mudanças. O discurso do novo reitorado propunha tratamento isonômico para as unidades acadêmicas e, de fato, o “perfil” dos novos gestores era distinto dos anteriores. Contudo, as práticas administrativas das pró-reitorias e outros órgãos da administração central contradiziam explicitamente o que eles enunciavam. Se turbulências assolavam a UFJF e instâncias administrativas não funcionavam já no início do mandato, uma gravíssima crise institucional se instaurou com o transcorrer do tempo, culminando na renúncia do reitor em novembro de 2015 após 14 meses à frente da gestão da UFJF.

 (...) ao longo dessa década, o “prédio” transformou e foi transformado por essas pessoas [TAEs, docentes e discentes]. As relações que estabeleceram entre si e com ele são produto e produtoras desse espaço físico. A cultura do Instituto mudou e está sendo mudada pela edificação.

Até mesmo a entrega da Biblioteca Setorial do ICH em novembro de 2014 foi obnubilada pelas turbulências da reitoria. Havia pressa para “inaugurar” o prédio. No entanto, faltavam, por exemplo, o sistema de segurança para o acervo e os dispositivos de acessibilidade física para pessoas com deficiência.

Em meio à turbulência, os recursos da matriz orçamentária minguaram ainda mais e o uso dos valores parcos se tornou caótico, quase inviável. Para manter prédios, equipamentos e mobiliários em condições para as atividades de ensino, pesquisa, extensão e administrativas, foi preciso cortar gastos “menos essenciais” (por exemplo, impressões e consumo de papel) e, especialmente, recorrer à “engenhosidade” de TAEs do ICH, que reutilizavam partes de equipamentos e mobiliário que já não podiam ser usados para reparar outros que ainda apresentavam condições mínimas de uso. Menciona-se, dentre vários exemplos, o emprego de peças de projetores multimídia que seriam descartados para restaurar outros que também seriam dispensados.

Ainda durante esse período turbulento, um novo horizonte começou a se descortinar. Em conjunto com outras unidades acadêmicas, especialmente a Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Educação e a Faculdade de Serviço Social, o ICH atuou para criar o Fórum dos Diretores, um órgão informal que passou a congrega diretores e diretoras dessas e de outras unidades acadêmicas. O período de convulsão não impediu que a maioria das direções se unisse e formasse o “Fórum”, que,



em curto espaço de tempo, conseguiu estabelecer uma interlocução mais qualificada, dinâmica e frequente com a reitoria e com as pró-reitorias. Com a renúncia do reitor, o Fórum desempenhou um papel fundamental no amortecimento dessa turbulência final, suavizando a transição para o novo reitorado.

Primando pela transparência e pela participação das unidades acadêmicas na gestão, a nova reitoria intensificou a interlocução com o Fórum. Em 2016 e 2017, esse órgão informal foi decisivo para, por exemplo, a substituição da “política do balcão” por mecanismos institucionais de distribuição de recursos financeiros, manutenção, realização de obras e aquisição de equipamentos e mobiliário.

Essas mudanças, especialmente a disponibilidade de uma matriz orçamentária mais justa, permitiu que o ICH adquirisse, depois de um longo tempo, equipamentos e mobiliários. Possibilitou, ademais, pequenas reformas, como as realizadas no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) e na Estação Climatológica. Apesar de alguns problemas persistirem, a manutenção predial e de equipamentos também avançou a partir de 2016.

Não era muito. Era bem menos do que o Instituto precisava e demandava. Ainda assim, era um avanço expressivo. No entanto, a cassação do mandato da presidente Dilma Rousseff em 2016 e as crises políticas e econômicas que se sucederam a esse golpe anuviaram o horizonte promissor da Educação Superior pública no Brasil. **O ICH não ficou incólume ao sucateamento da universidade pública que foi retomado desde então. Todavia, o Instituto está de pé e lutando. Na trincheira, estão suas pessoas, sua cultura e seu espaço físico, construídos e reconstruídos ao longo de décadas.** ●



Foto: Gabriela Said

Notas (auto)etnográficas sobre vivências de transição no ICH: diversidade e afeto



Por Brune Coelho Brandão
mulher trans, psicóloga formada pela UFJF,
mestra e doutoranda pela mesma instituição

Nesse momento, o Instituto de Ciências Humanas está comemorando sua transição para sua nova sede. Carinhosamente chamado de ICH por todes¹ nós, caso a pessoa que nos lê não conheça bem esse espaço. Há dez anos nesse mesmo espaço geográfico por onde muitos alunes passaram e ainda passam cotidianamente. E é interessante pensar nessa celebração desse processo de transição, em resgatar a história do instituto e das vidas que passam e passaram por lá.

Gostaria de começar esse relato explicando o porquê de o título ser acerca de notas etnográficas, mais que isso: autoetnográficas. Isso ocorre em decorrência da minha imersão no campo enquanto estudante de psicologia e mulher trans que passou pelo processo de transição de gênero durante a graduação. Mais que isso, que ainda permanece no ICH, agora no programa de pós-graduação. Logo, transicionar nos é verbo familiar em espaços e tempos similares.

Desse modo, minha história de vida se confunde com a história do ICH por alguns aspectos. Passamos por processos de transição, no mesmo período. Os prédios novos surgiram juntamente com meu ingresso na universidade. Pelo menos, em minhas notas, somos contemporâneas. Lembro-me de quando entrei na universidade, como muitos alunes: cheia de expectativas e deslumbrada com o mundo novo que se abria, se ampliava em minha frente. Não só em espaço físico (pois a universidade é bem maior que nossos colégios de ensino médio), mas em diversidade de pensamentos. É muita gente e muita ideia junta! Eu, pequena, no antigo ICH, conhecendo o espaço, suas políticas (inclusive de gênero) e seus conflitos de ideias, permeados por relações de poder, mas ainda assim possibilitando diálogos.

No ICH antigo comecei a ter acesso às minhas bases epistemológicas atuais e fui me formando enquanto profissional, mas no meio do curso fomos transferides para o prédio novo! O mundo novo! Mais espaço, mais gente, mais cursos, mais integração! Ganhamos um espacinho para o nosso núcleo de pesquisa, em que nossas reuniões eram permeadas de cafés, quitutes e afeto. Pois o afeto é político e necessário para romper com lógicas hegemônicas de produção de conhecimento que legitimam hierarquias de gênero, raça, classe, território, orientação sexual. Um espaço potente em que pude inclusive experimentar outras possibilidades de gênero. E essas novas possibilidades ocorreram com mais potência e intensidade nos corredores de paleta neutra do ICH.

¹ A flexão E na palavra "todes" representa um modo de linguagem não-binária que não marca gênero. É uma forma inclusiva de utilizar a linguagem de modo a não marcar o masculino (principalmente no plural, que tende a reproduzir uma lógica sexista de masculinizar as palavras) ou o feminino, ampliando para que se incluam pessoas que se reconheçam (ou não) parcialmente (ou integralmente) com um gênero específico, ambos ou nenhum deles. Marcar essa questão é incluir as pessoas de identidade não-binária que circulam pelo ICH.



Ouçõ inclusive críticas sobre esses corredores, suas cores neutras e sem vida. Mas reivindico que há muita vida e cor por lá! Nossas histórias e resistência colorem esse espaço, nossas relações de afeto preenchem essa tela em branco com nossa potência produtiva não só de conhecimento, mas de vida! O que faz esse espaço novo não são as construções austeras arquitetônicas, mas como ocupamos esse espaço e o ressignificamos. Como ele marca nossa memória afetiva de formação não só enquanto profissional que enfrentará o mundo lá fora, que ajudará a construir um mundo mais justo e democrático, mas nos constrói enquanto pessoas, constrói nossas relações de afeto e amigos que levaremos para toda a vida. O que faz o ICH são as pessoas!

Foi nesse espaço que utilizei o banheiro feminino pela primeira vez, com medo (mas sem represália nenhuma!). Foi nesse espaço que formalizei minha identidade pública enquanto mulher na sociedade e utilizei o nome social antes mesmo de existir uma resolução específica do Conselho Superior aprovando formalmente seu uso. Havia já meu nome social escrito na chamada, indicando autoria no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e no processo seletivo de mestrado. Minhas e meus colegas de turma, as demais pessoas no ICH, as pessoas que trabalham com docência, técnico-administrativos em educação (TAEs), terceirizadas. Todo mundo acompanhou meu processo e me acolheu. Um post no Facebook foi a cereja no bolo para que as pessoas comentassem “Agora é ela! Vamos respeitá-la!”. E isso garantiu, a mim, que pudesse exercer esse direito fora dos muros da universidade, afinal, se me respeitam lá, por que não respeitar fora dela?

Contudo, você que passa os olhos por esse texto deve pensar que é uma perspectiva ingênua, em uma referência literária à Pollyana, personagem do livro homônimo que se habituou a brincar do jogo do contente e, por ventura, pode se distanciar da realidade. Mas não é isso: tenho ciência de que infelizmente ainda há histórias de violação da identidade de gênero nesse espaço, que é muito caro para mim. Com nome, com

sistemas... Não só essa, mas outras (e sobre as mais diversas questões) que sussurram nos cantos dos blocos alfabéticos. Infelizmente, não gostaria que minha história seja um caso isolado, uma fábula que demais pessoas trans, travestis, transexuais, de identidade não-binária não conseguissem acessar. Nesse sentido, acredito que esse texto seja mais do que uma nota, gostaria de torná-lo um manifesto. Um manifesto de resgate da história do ICH, de como o Instituto foi um dos precursores sobre como lidar com questões de identidade de gênero, mas pode ter se perdido no caminho... E como também pode abarcar outras diversidades e situações de violação que ainda ocorrem no contexto universitário.

Queremos que nossos corpos e epistemologias sejam respeitadas, para todes, não só para uma pessoa ou outra. Quero pessoalmente resgatar essa acolhida que tive e pedir que cada pessoa que lê esse texto possa avançar na discussão em relação às diversidades que habitam o nosso ICH (sim, pois ele é nosso também!), seja de gênero, orientação sexual, raça, classe, território. Que nesse momento singelo e nostálgico de comemoração possamos fazer uma análise autocrítica e avançar em pautas importantes sobre representatividade, produção de conhecimento que respeite os sujeitos e que gere uma genuína transformação social. Sobre o adoecimento psíquico de alunes que caminham desmotivadas pelos corredores. Sobre como combater racismo, lgbtfobia, misoginia, sexismo. Sobre como combater casos de assédio nos diferentes níveis hierárquicos de trabalho que existem. Sobre como a classe trabalhadora pode ter condições dignas de trabalho. Sobre fomentar um espaço em que há conflitos e disputas, mas no sentido político e dialético de produção de novas e mais equânimes lógicas de sociabilidade, relações pedagógicas e de trabalho.

Que o ICH não reproduza a precariedade da vida que vimos no mundo lá, mas que possa fomentar um espaço mais inclusivo e pautado no diálogo, na escuta legítima e transformadora. Pois, para mim, o ICH é e sempre será um espaço de diversidade e afeto! ●

Uma testemunha valiosa da história

A ex-secretária do ICH Lourdes Gomes Leite compartilha com o Fala ICH! memórias preciosas acerca do ICH e da UFJF e conta um pouco sobre a vida pós-Universidade

Uma unidade acadêmica como o Instituto de Ciências Humanas (ICH), com tantos anos de existência, carrega muitas histórias e momentos que marcaram as pessoas que por ele passaram. Para falar sobre as transformações do Instituto e compartilhar sua trajetória no ICH, convidamos Lourdes Aparecida Gomes Leite, servidora técnico-administrativa que ocupava o cargo de Assistente em Administração.

A relação de Lourdes com a UFJF teve início em 1977, quando foi aprovada no vestibular para o curso de Ciências Biológicas. Após sua formação, prestou o Concurso Público para a Secretaria Estadual de Educação para o cargo de Assistente em Administração e foi chamada pelo Estado para trabalhar no ICH.



Lourdes Gomes Leite: dedicação reconhecida com a Medalha JK.
(Foto: arquivo pessoal)

A servidora conta que passou por diferentes funções ao longo dos anos de trabalho no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e no ICH: suas atribuições foram, desde o atendimento à comunidade, expediente e matrícula, até chefia imediata de todos os técnicos-administrativos lotados e em exercício no Instituto. Suas décadas de trabalho e dedicação são lembradas com saudosismo e satisfação. “Tenho muito orgulho de falar que sempre trabalhei no ICHL/ICH durante toda a minha trajetória na UFJF e que no dia 14 de dezembro de 2018, após 36 anos do meu ingresso como técnica-administrativa fui agraciada pelo Instituto de Ciências Humanas com a Medalha JK, a maior honraria da UFJF.”

A secretária aposentada pontua alguns dos momentos marcantes para a história da Universidade e do Instituto, como a criação dos cursos noturnos da UFJF em 1988 – inicialmente, Ciências Sociais, Geografia, História e Letras. Somente a partir daquele ano a Universidade passou a ter horário integral de funcionamento. Hoje, o ICH funciona, interruptamente das sete às vinte e três horas e são raras as Unidades Acadêmicas que não têm turno integral. Lourdes lembra que, posteriormente, houve o desmembramento dos Departamentos de Letras e Letras Estrangeiras Modernas do Instituto de Ciências Humanas e de Letras, para criar a Faculdade de Letras. “Com isso, através de plebiscito, o Instituto passou a chamar-se Instituto de Ciências Humanas.”

Lourdes define a transferência total do ICH para as novas instalações como algo que lhe causou grande impacto. “Em 2011, após a conclusão dos prédios, finalizamos a mudança. No novo prédio nos deparamos com novos desafios, como o dobro de salas de aulas,

elevadores, gerador, aumento do número de funcionários da limpeza. Tudo praticamente dobrou, mas o número de técnicos permanecia o mesmo. Depois da fase inicial de adaptação tudo foi entrando nos eixos. Não posso deixar de registrar o empenho de todos nessa transferência, em especial dos professores Eduardo Antônio Salomão Condé, diretor à época, e Ricardo Tavares Zaidan, vice-diretor, e do técnico-administrativo José Batista da Silva. Foram fundamentais para a concretização desse projeto”.

Sobre a ampliação das formas de acesso e das políticas de reestruturação e expansão das universidades públicas, em relação à Universidade de 30 anos atrás, Lourdes compartilha lembranças valiosas. “Quando comecei a trabalhar no Instituto o expediente era todo feito em máquinas de escrever manuais, em três cópias e encaminhados para os setores específicos. Tínhamos somente uma máquina de escrever elétrica que ficava no gabinete do Diretor e só era usada quando ele precisava fazer algum parecer e solicitava para algum técnico digitar. Era um acontecimento! A informatização, com a criação dos sistemas de informática, como o SIGA, também agilizou muito os trabalhos”, avalia.

No entanto, ela reforça que durante todo o tempo em que trabalhou na UFJF/ICH a falta de verbas sempre foi um problema que dificultava a aquisição do básico, deixando claro que não está falando de materiais permanentes que precisam passar pelas normas específicas, como licitações. “Os gestores precisam fazer ‘milagres’ para cumprir as obrigações financeiras, porque normalmente a dotação orçamentária repete de ano para ano, quando não diminui o valor. O ideal seria que a UFJF pudesse cumprir todos os seus compromissos com uma folga orçamentária e pudesse investir ainda mais em seus projetos.” Apesar disso, pondera: “Vejo a Universidade caminhando a passos largos, com muitas pesquisas sendo feitas por seus docentes e discentes; cursos de extensão oferecidos a toda comunidade; valorizando a questão cultural através de seus museus, teatros, jardim botânico, convênios, etc.”

Lourdes também manifesta sua gratidão à Universidade pelo aprendizado que esta lhe ofereceu nessas quase quatro décadas de trabalho: “Aprendi muito com nossos professores, convidados de nível nacional e internacional que recebíamos para diversos eventos como a Comissão de Concursos Públicos, as bancas de defesas de cursos de pós-graduação e as semanas de cursos de graduação e pós-graduação. Além disso, concluí vários cursos de treinamento/capacitação oferecidos pela UFJF atendendo ao plano de capacitação da carreira dos Técnico-administrativos em Educação.”

Por fim, a secretária aposentada que dedicou tantos anos ao ICH agora tem uma vida tranquila. Comentando sobre sua rotina, disse que anda de bicicleta ergométrica, faz fisioterapia quando necessário e passeia com sua cachorra pelo bairro a pé. Também dedica parte do seu dia à leitura de jornais e livros, gosta de assistir vídeos de confeitaria no YouTube, de fazer compras aos sábados na cidade e visitar amigos e familiares. E, ainda, supervisiona toda a dinâmica da casa fazendo as compras do mês. “Estou gostando muito da vida de aposentada. O que sinto falta é da convivência com os colegas, porque como eu gosto de falar, contar casos, sempre tinha alguém para trocar ideias, fosse professor, técnico ou discente.” ●

Por Lavínia Sant'Anna
Bolsista da Equipe de Comunicação do ICH

Memória viva

José Batista da Silva, o Batista, um dos servidores mais antigos e queridos do Instituto, conversou com o Fala ICH! sobre passado, futuro, conquistas e a responsabilidade social dos trabalhadores da educação

Quando prestou o concurso para a UFJF em 1985, enquanto ainda atuava como vigilante no INSS, José Batista da Silva mal sabia a diferença que sua atuação, em conjunto com outros funcionários, faria no Instituto de Ciências Humanas. Natural de Juiz de Fora, Batista é aquele típico mineiro que adora contar causos. Com a simpatia que lhe é peculiar, consegue arrancar um riso de todo tipo de gente.

Sua história na UFJF começou em 1987, quando tomou posse como servidor lotado na secretaria do antigo ICHL. A convivência entre funcionários, docentes, discentes, C.As e D.As, naquela época, era diferente, segundo ele. “Nós éramos mais unidos. O convívio social entre os três segmentos era maior. Isso se perdeu um pouco no prédio novo. Claro, vai chegando gente nova, com outra mentalidade, e as coisas vão mudando. Mas é inegável que a união entre os segmentos ficou mais enfraquecida.”



José Batista da Silva: 33 anos de ICH. (Foto: reprodução YouTube UFJF)

Uma paixão chamada ICHL

Um dos pontos de convergência – senão o principal – de funcionários, professores e alunos do antigo ICHL era a cantina do Marquinhos, lugar de descontração onde, com qualquer quantia, se podia comprar alguma coisa. “O ICHL foi a primeira unidade a oferecer cursos noturnos, mas o Restaurante Universitário, na época, não servia janta. O Marquinhos, então, passou a vender canecas de sopa a R\$ 1,00 para os alunos. O pessoal mais antigo do ICH até hoje é um pouco saudoso do Marquinhos”, conta.

Poucos anos após assumir no ICHL, Batista foi convidado pelo então diretor do Instituto, Carlos Alberto Tarchi Crivellari (gestão 1990-1994), para atuar junto ao setor de manutenção e patrimônio. Foi quando passou a ter outro olhar sobre as necessidades do Instituto. À frente, quando surgiu a possibilidade da construção de um prédio novo, o servidor dedicado não hesitou em acolher a ideia, apesar do apego emocional ao antigo ICHL.

Quando falou em construção, as pessoas que não queriam sair começavam a dar umas ideias mirabolantes que me deixaram preocupado: de construir uma parte do prédio na área ao lado da reitoria, do outro lado do anel viário, mas em frente às instalações antigas; na subida do ICB, perto de onde tem banners; ou até mesmo levantar outro andar, mas a estrutura do prédio antigo não suportaria. No final, surgiu a possibilidade de construir lá em cima. E aí começaram as críticas... ‘Subir pro morro?’ Na época, não tinha nem estrada. A gente subia no barro. Também não tinha ônibus. Era uma dificuldade, mas com o tempo ia melhorar.”

Prédio novo, problemas novos

Batista foi um dos membros da Comissão responsável por acompanhar as obras do novo prédio do ICH. Esta comissão era formada por representantes dos três segmentos: Técnicos administrativos (TAEs), docentes e discentes. A relação com a empresa responsável pela obra, lembra, não foi das mais fáceis. Conforme conta, a empresa não seguiu corretamente o projeto, fato que gerava transtornos sempre que a Comissão verificava o andamento das obras. “Os prédios eram fechados com tapumes, então, quando eles abriam para a gente visitar, algumas mudanças já estavam feitas. Várias coisas aconteciam e nós não tínhamos como resolver. Quando íamos vistoriar, os operários estavam trabalhando, e como nós não tínhamos a planta em mãos, ficava difícil para conferir. O imbróglio com a empresa foi muito grande”.

Uma curiosidade sobre a obra que Batista nos relatou é que, na planta do projeto, os blocos eram invertidos, ou seja, o bloco C correspondia ao bloco A como nós o conhecemos. Além disso, o arquiteto responsável pretendia pintar os prédios de verde-oliva, o que destoaria das cores das outras unidades da UFJF. Batista conta que, mais uma vez, a comissão precisou intervir e confrontar a ideia.

Logicamente, uma mudança grande como a que o ICH estava passando não agradaria a todos os envolvidos, por diferentes razões. Houve, inclusive, quem apresentasse resistência em “subir”, estendendo sua atividade de docência no prédio antigo por alguns meses, mesmo depois de todos os departamentos terem efetivado sua mudança para as novas instalações. O servidor ressalta, no entanto, que todos os TAEs foram unânimes quanto à necessidade da mudança.

Realizações e compromissos

Com trinta e três anos de casa, o que não faltam são histórias e, claro, realizações pessoais e coletivas. Batista se orgulha por ter feito parte do grupo de resistência “Mobilização e Luta”, responsável por mobilizar professores e TAEs para dar aulas a técnicos e funcionários terceirizados que não tinham os ensinos fundamental ou médio completos, oferecendo-lhes um certificado de conclusão.

Nas reuniões do grupo – formado majoritariamente por TAEs, mas contando com a presença de alguns professores –, foi oferecida uma sala no Colégio Dom Orione. A iniciativa do “Mobilização e Luta” chamou a atenção da Universidade, influenciando-a a implementar o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio de Aplicação João XXIII. “Eu fiz meu ensino fundamental e médio lá. Essa foi uma grande conquista do grupo, que também lutou para que os funcionários terceirizados tivessem o direito a essa oportunidade.”

Outra reivindicação bem-sucedida do grupo foi para que os servidores que estivessem cursando o ensino superior tivessem uma carga horária de trabalho de 6h, e não 8h, como era estabelecido. “Acho que, muitos de nós, se estão com curso superior – às vezes, até com pós-graduação – foi graças a essa luta”, analisa.

Como forma de reconhecimento aos anos de dedicação e comprometimento à educação pública, em 2018 a UFJF premiou Batista com uma Medalha JK, honraria máxima concedida pela Universidade a personalidades que, ao longo de sua trajetória, contribuíram para consolidá-la em seu tripé de ensino, pesquisa e extensão.

Indagado sobre o que deseja para o futuro do

ICH, Batista diz esperar que o Instituto assuma um compromisso ainda maior com a comunidade externa. “A Universidade como um todo, não só o ICH, deve muito à comunidade. Precisamos parar de olhar para o próprio umbigo e olhar para fora dos muros”, afirma. Para defender seu posicionamento, dá como exemplo um projeto antigo ainda dos tempos do ICHL. “No período de férias escolares, por que o infocentro fica fechado? Por que não oferecer aulas de informática para a comunidade, para a terceira idade? Por que não oferecer reforço escolar para estudantes da comunidade? Temos que procurar dar um retorno prático para a sociedade. Não é só chegar e cumprir suas horas... Nós todos, como trabalhadores da área da educação, temos essa responsabilidade social.”

Depois de tantos anos de trabalho no mesmo instituto, José Batista da Silva está longe de ser um conformado. Consciente do seu papel, com uma visão objetiva dos problemas, mas também da potencialidade do Instituto, ele se tornou um daqueles funcionários que transcendem cargos e funções e, hoje, mais do que memória viva de uma boa parte da história do ICH, representa uma peça fundamental para a evolução do mesmo. ●

Por Carolina Doro
Bolsista da Equipe de Comunicação do ICH

REGISTROS DE DOIS MOMENTOS DA NOSSA HISTÓRIA



Antigo ICH. Foto: Robert Daibert Jr.



Bloco C do prédio novo quase finalizado.
Foto: Confiança Alumínio e Vidro



Corredor do antigo ICH. Foto: Robert Daibert Jr.



Biblioteca do prédio novo. Foto: Robert Daibert Jr.

Felipe Santos: “Trabalhar no ICH me fez muito melhor

Em entrevista para a edição especial do Fala ICH!, o Técnico-Administrativo em Educação (TAE) relembra histórias da mudança de prédio e faz reflexões sobre o futuro do Instituto

Felipe Santos, não Felipe dos Santos, como ele frisa em tom de brincadeira. Diz que é comum errarem seu nome. Originário da área de exatas, o servidor nos contou que, antes de ser aprovado no concurso e lotado no Instituto de Ciências Humanas (ICH), já trabalhava no Centro de Gestão do Conhecimento Organizacional (CGCO). Em virtude disso, em um primeiro momento, parecia que a designação seria um problema. Havia uma promessa de que se ele fosse aprovado, e passasse então a integrar o corpo de servidores efetivos, permaneceria naquele setor. Lá, Felipe já havia construído importantes laços de amizade.

A promessa não se concretizou. Felipe diz, porém, que aos poucos foi descobrindo "as pessoas, as histórias e principalmente o amor envolvido em tudo que habita o ICH. Toda a capacidade de comunicação e generosidade com um ser vivo da exatas que mal sabia os nomes dos principais filósofos foi me encantando de tal forma que minha vida mudou de ponta a cabeça. Trabalhar no ICH me fez muito melhor, hoje, eu posso afirmar que trabalhar no ICH me salvou.”



Felipe Santos (Foto: arquivo pessoal)

As atividades laborais deste técnico administrativo em educação (TAE) da UFJF se dão na assistência à tecnologia. Sua trajetória, ao longo de 10 anos de trabalho na Instituição é rica. Muitas são as histórias já vividas e presenciadas. Felipe, outros TAEs e docentes do ICH, nomeados em virtude programa de expansão e democratização da educação superior – o Reuni – iniciaram sua carreira no momento da transição do prédio antigo para o novo.

Nosso convidado relembra que no início do processo de mudança para o novo prédio do ICH houve muitos problemas na obra, tanto técnicos, quanto de falta de conforto dos discentes, docentes, TAEs e demais trabalhadores: “Na verdade, quando eu tomei posse, ainda não havia condições de trabalho no prédio novo do ICH. As dificuldades eram grandes; acompanhei, junto com os demais colegas, a parte final do primeiro complexo ‘inaugurado’ e, cinco ou seis meses depois, fui trabalhar no prédio novo.”

Aparentemente, foi um erro iniciar as atividades no prédio novo naquele momento – “tinha tudo para dar errado, mas não deu.” Já havia aulas no prédio, mas o segundo,

terceiro e quarto pisos do bloco A ainda estavam em obras. "Era tudo terra batida, sem calçamento, nos dias chuvosos o barro dominava todo o cenário. Um único ônibus velho para levar os alunos e funcionários (saía do DCE até o prédio novo do ICH). Muito barulho de obra e vários incidentes." Devido a isso, Felipe disse que uma dúvida era muito comum a todos na época: "será que não foi um erro inaugurar o prédio agora?"

Os questionamentos logo foram afastados pelo então diretor Eduardo Salomão Condé, que trabalhou muito para que tudo desse certo, fazendo com que um sentimento de união e de pertencimento começasse a dominar o ambiente. "Sabíamos que se não trabalhássemos juntos não ia dar certo". O servidor reitera que, graças ao grande trabalho feito pela gestão do ICH na época, juntamente com toda a equipe e, claro, com a participação dos alunos e alunas que deram vida ao prédio, a empreitada avançou: "O clima era de desafio, união e pertencimento. Todos e todas sentiam que aquilo tinha que dar certo, tinha que funcionar e por isso, deu!", afirma.

Nem tudo são flores

As adversidades criavam embaraços. Uma minoria de professores, em especial alguns já mais antigos na Instituição, ficou insatisfeita com a mudança. De outro lado, docentes dos cursos mais novos (Turismo e Ciência da Religião), que não tinham um bom espaço no outro prédio, ficaram animados. "Ao longo do tempo tudo foi se resolvendo, porque eles [docentes] começaram a perceber a diferença de infraestrutura. O prédio anterior era muito antigo." No entanto, Felipe, ressalta que os problemas causados pela empreiteira refletem até hoje no prédio e que "a correção foi diminuindo à medida que os últimos governantes foram reduzindo substancialmente o investimento das universidades."

O clima era de desafio, união e pertencimento. Todos e todas sentiam que aquilo tinha que dar certo, tinha que funcionar e por isso, deu!

Felipe Santos, sobre o processo de estruturação do novo prédio

O assistente em tecnologia considera que toda a dinâmica envolvida na construção do novo prédio, bem como a mudança e ocupação do mesmo, foi árdua para todos e todas – funcionários antigos e novatos. "Foi um desafio em comum e, apesar, do conflito de gerações entre os funcionários que chegavam após muito tempo sem concurso público, o objetivo em comum ajudou a unir a equipe. Acredito que todo mundo entendeu que precisávamos trabalhar juntos para fazer aquele projeto dar certo."

Reflexões de uma década de ICH

Fazendo um balanço sobre seus dez anos de atividade no Instituto, o assistente em tecnologia afirma que "a maior dificuldade foi lidar com o ambiente novo, cheio de pessoas e ideias novas e, ao mesmo tempo, ter que lidar com um prédio todo em construção, com apenas dois funcionários por turno, em alguns momentos apenas um. Isso fez com que eu me visse cuidando de assuntos que nunca imaginei cuidar, resolvendo problemas de obras, de infraestrutura, de conservação e administração. Com isso, meus conhecimentos dos trâmites gerais da Universidade foram colocados à prova e isso me forçou a crescer como profissional e como pessoa", analisa.

Em uma década de trabalho no ICH, Felipe passou por inúmeros momentos marcantes (como um acidente na obra e um roubo na secretaria do prédio novo), mas um, em especial, ele lembra com muito carinho. "Um momento que marcou positivamente foi quando, no meu primeiro aniversário no ICH



novo, fui surpreendido com uma sala toda decorada, bolo e tudo mais. O que mais me emocionou foi que a equipe da conservadora é que tinha preparado a surpresa. Me senti muito querido e grato por trabalhar ali com aquela equipe.”

Realidade e expectativas

Inquestionavelmente, a crise existente no país trouxe e traz problemas a todos, como aponta o servidor. No que tange ao ICH e à tecnologia, sua área específica de atuação, ele reitera que as tecnologias, com frequência, se tornam obsoletas. Para ele, a necessidade de dedicar maior atenção à infraestrutura é urgente, em especial com o avanço na direção dos modelos de ensino em ambiente virtual. Sobre o ICH e sua comunidade ele diz que a qualidade e a capacidade de trabalho em equipe ajudam muito no sentido de fazer do Instituto um ótimo lugar para se trabalhar e/ou estudar.

Quanto ao futuro, nosso convidado diz: “Espero que a vacina [contra a Covid-19] chegue logo e que, com ela, a esperança, o espírito de equipe e de pertencimento que tínhamos lá na época da inauguração sejam renovados para que juntas possamos fortalecer o Ensino, a Pesquisa e a Extensão que desenvolvemos no Instituto de Ciências Humanas.” ●

Por Lavínia Sant'Anna
Bolsista da Equipe de Comunicação do ICH





Fala ICH!

Um projeto da equipe de comunicação do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), composta pelas alunas da Faculdade de Comunicação (Facom) Carolina Doro e Lavínia Sant'Anna, junto à administração institucional.

Supervisão: Robert Daibert Jr. e Sílvia Regina Netto, diretor e secretária do Instituto de Ciências Humanas.

Contato: comunicacao@ich.ufjf.br

OUTROS CONTATOS

Recepção ICH: recepcao.ich@ufjf.edu.br

Secretaria ICH: secretaria.ich@ufjf.edu.br

Secretaria dos Programas de Pós-graduação do ICH: posgraduacao.ich@ufjf.edu.br

Biblioteca ICH: biblioteca.ich@ufjf.edu.br

Centro de Psicologia Aplicada (CPA):
cpa.psicologia@ufjf.edu.br